

Análise **Futebol**



FUTEBOL

Treinadores fora de jogo

Com apenas três das 16 selecções em prova sob comando técnico africano, o CAN 2015, que se disputa na Guiné Equatorial, agrava uma tendência já evidenciada nos Campeonatos do Mundo: Os nossos treinadores estão a desaparecer dos maiores palcos do desporto-rei. Qual a tática para virar este jogo? O Novo Jornal desafiou treinadores, sociólogos, um agente FIFA e um dirigente desportivo para analisarem o fenómeno, que se discute nas próximas linhas.

NO PAPEL de observador científico, o sociólogo Carlos Nolasco remata sem contemplações: “Nada justifica, a não ser um complexo pós-colonialista, que de 16 treinadores no CAN apenas três sejam africanos”. Aliás, insiste o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, que não é por acaso que “os treinadores franceses, portugueses e belgas representam, juntos, mais de metade dos treinadores” presentes na Guiné Equatorial.

“Pode-se sempre invocar a competência individual de cada um, mas é inegável que há um lastro histórico resultante de uma relação colonial que faz com que se opte por treinadores provenientes de países que tiveram um passado colonialista em África”, conclui.

A toada crítica prossegue na análise do agente FIFA, Marco Peter Almeida, que aponta o dedo à “mentalidade tacanha dos dirigentes e das federações, que continuam a acre-

ditar que as soluções vêm sempre de fora, trazidas por alguém de raça branca”.

Pelo contrário, Bruno Vicente, director desportivo do Recreativo do Libolo, defende que “a fraca presença de treinadores africanos neste CAN”, não decorre da “postura institucional das federações e clubes”, mas reflecte o resultado “de não haver ainda, a nível da CAF e das federações nacionais, um processo de formação que assegure a qualificação dos treinadores ao nível do que é feito na Europa”.

Esta argumentação é típica “de quem detém o poder e o privilégio”, interpõe o sociólogo luso Pedro Almeida, que está a desenvolver uma pesquisa de doutoramento onde a hegemonia dos discursos eurocéntricos é prevalecente.

“Na Europa, por exemplo, o número de treinadores de origem africana é extremamente reduzido quando comparado com a quantidade de jogadores negros que actuam nos

“A democracia racial no futebol é um mito. Um exemplo disso é que negros e mestiços encontram-se sub-representados na estrutura de poder”, observa Daúto Faquirá

Para o agente FIFA Marco Peter Almeida, a “mentalidade tacanha da federações e dos dirigentes africanos” faz com que “continuem a acreditar que as soluções vêm sempre de fora, trazidas por alguém de raça branca”

campeonatos profissionais. E este é um cenário que também se reflecte nas instituições de poder que governam o futebol, tanto a nível nacional como internacional, tal como a UEFA ou FIFA”.

“SÓ 2 NEGROS EM 92”

A constatação repete-se na análise do treinador Daúto Faquirá, para quem a “democracia racial no futebol é um mito. Um exemplo disso é que negros e mestiços encontram-se sub-representados na estrutura de poder do futebol”.

Mais do que isso, insiste o técnico moçambicano radicado em Portugal, “se considerarmos as oito Ligas melhor classificadas nos rankings da UEFA e da Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS), e os 154 clubes que elas agregam, concluímos que apenas em dois deles estão treinadores negros”.

As estatísticas reflectem, segundo esclarece o ex-treinador do 1.º D’Agosto, os dados compilados em 2011 na Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal.

Quatro anos depois, a realidade britânica mantém a fasquia lá em baixo. “Em 92 clubes federados na Inglaterra, nas quatro divisões, apenas dois treinadores são negros: Chris Powell, do Huddersfield Town, e Keith Curle, do Carlisle United”.

Demarcando-se de abordagens raciais, o seleccionador da Etiópia, Mariano Barreto, considera “despropositado, num mundo cada vez mais global, onde o acesso ao conhecimento está à distância de um clique e de todos, que a questão seja colocada em termos de ‘preto e branco’”.

“A carreira de treinadores de origem africana, como Nuno Espírito Santo (do Valência, de Espanha) e Lito Vidigal (dos Belenenses, de Portugal) poderia desfazer dúvidas sobre preconceitos de determinada ordem, que, na minha opinião não fazem qualquer sentido”, acentua o técnico, que, além da passagem pelo Recreativo do Libolo, já orientou equipas de Portugal, Rússia, Bahrein e Arábia Saudita.

“PROJECTO É DETERMINANTE”

O actual técnico dos etíopes desvia o foco da discussão para o nível directivo. “Hoje a complexidade que está associada à direcção de uma equipa respeita mais à capacidade real de liderança do treinador, e à natureza do projecto em está envolvido. Uma direcção forte e organizada proporciona a um treinador competente todas as condições para ter sucesso”, observa Mariano Barreto, alertando para o vazio que se perpetua neste domínio.

“Infelizmente, acontece que, em muitos clubes e federações, projecto é coisa que não existe. Existem sim, muitos interesses em redor do futebol, que prejudicam a essência

Para o investigador Carlos Nolasco, não é por acaso que “franceses, portugueses e belgas representam mais de metade dos treinadores. Isso é reflexo de um complexo pós-colonista”

desta modalidade, que, de desporto, cada vez tem de menos”, lamenta o treinador, que viveu em Angola a experiência contrária.

“O meu envolvimento na dinamização do projecto do Libolo foi total. Não é por acaso que o clube é actualmente a maior potência futebolística de Angola e começa a ser uma referência africana. Isso é fruto da existência de um projecto claro e de uma liderança directiva inequívoca, sob o comando do Dr. Rui Campos, que permite aos treinadores desenvolverem as suas competências”.

A excepção de Calulo parece confirmar a regra observada por Marco Peter Almeida, que chama a atenção para a situação inversa. “É muito difícil na mentalidade dos dirigentes da África Negra admitir que o mérito possa ser de mais alguém que não o Chefe”, nota.

O agente FIFA refere ainda que “muitas vezes esses dirigentes convivem com os treinadores nacionais, conhecem-nos bem, factores que geram uma certa promiscuidade nos relacionamentos que, por vezes, mi-



O ex-técnico dos Palancas, Hervé Renard, reforça o domínio francês

nam o respeito e alguma distância que deveriam pautar este tipo de relações no campo profissional”.

Para agravar esta realidade, Peter Almeida lamenta que os treinadores africanos vivam cada um para seu lado. “Outro aspecto que mina as oportunidades é a falta de união da classe. Os treinadores andam sempre sozinhos, a mendigar por trabalho e, quando têm trabalho, mendigam para que sejam pagos. É preciso que tenham mais orgulho e confiança nas suas capacidades, é preciso que se organizem e se façam representar condignamente”.

ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO

O caminho, projecta o agente desportivo, passa pela integração em instituições que promovam acções de formação, estágios, e que falem em seu nome diante das federações e dos clubes.

“Devem trabalhar juntos (com as estruturas federativas) na definição dos critérios para a contratação de profissionais estrangeiros, e devem também participar na definição dos

quadros técnicos nacionais de futebol. Esse tipo de empreitada só é possível com organização e rigor”, acrescenta.

A fórmula ressalta igualmente das recomendações do director desportivo Bruno Vicente. “A verdade é que o futebol, como a sociedade africana em geral, encontra-se em pleno estado evolutivo e por isso podemos registar incidentes de tensão que resultam de faltas pontuais de organização”.

A resposta, antecipa o dirigente, “passa pela aposta, sem reservas, na qualificação do treinador africano, permitindo que tenha contacto com os melhores, nos ambientes competitivos mais exigentes”.

O esforço formativo já se mede por resultados, mas continua a ser desvalorizado, considera o jovem treinador angolano Euclides Teca, neste momento em Londres para fazer o mestrado em treino de alto rendimento.

“Temos treinadores habilitados, e com provas dadas ao nível do nosso continente, que, por diversas razões,

não são tidos nem achados aquando da escolha dos seleccionadores”, contesta o angolano, que iniciou a carreira em Portugal, há cerca de seis anos, na Escola Academia Sporting Cacém, e no Atlético Clube do Cacém.

Embora defenda que “o futebol africano não pode nem vai evoluir sem o contributo dos nossos técnicos”, Euclides sublinha a importância de alargar horizontes.

“DESCOLONIZAR A MENTE”

“É preciso dizer que temos de estar dispostos e preparados para treinar longe do nosso país, dentro de África ou fora do nosso continente”.

Seja qual for o destino, o treinador reforça a mensagem: “A nossa evolução passa por aqui, por qualificar cada vez mais e melhor os treinadores da formação, de forma a termos, no futuro, treinadores de qualidade em quantidade e atletas com maior capacidade técnica e tática”.

O exercício prospectivo, assinala o investigador Carlos Nolasco, deve respeitar, de forma inequívoca, as especificidades de cada contexto.

“Os treinadores europeus poderão ter outros métodos de trabalho, mas os africanos também os terão e, para além disso conhecerão melhor a realidade futebolística em causa, devendo ser valorizados no seu trabalho”.

Nesse processo, acrescenta o colega Pedro Almeida, convém não ignorar o peso da História. “A herança colonial deixou marcas profundas nos países colonizados, tanto nas camadas populares, como em algumas elites”, sublinha o especialista, contundente no remate final. “Não podemos assumir que os processos de descolonização e de independência tenham significado o fim de todas as formas de dominação. Tal como sublinhou o escritor queniano Ngugi wa Thiong’o, é necessário ‘descolonizar a mente’”.



O jovem angolano, Euclides Teca, começou a treinar em Portugal. Agora rumou a Londres



Mariano Barreto, seleccionador da Etiópia